A LUTA

A liberdade perenne é uma conquista permanente.
Guerra Junqueiro.

ANNO I | Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 29 de Setembro de 1906 | NUM. 2

Este periodico manter-se-á com a contribuição voluntaria dos trabalhadores, e a sua publicação será, provisoriamente, quinzenal.

A correspondencia deve ser dirigida a Stefan Michalski, rua dos Andradas 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

CAIXAS DE RESISTENCIA

Os trabalhadores de todo mundo, depois de muitas esperanças perdidas, vão abandonando por completo o sistema de luta que tem como principio a fundação de sociedades de resistencia com capital capaz de enfrentar o patronato sempre que se ofereça occasião de estabelecer-se um conflito de interesses.

Este método de luta que, num dado momento, entusiasmou grande numero de trabalhadores, caiu em consequência dos seus múltiplos e prejudiciaes defeitos.

Pensar que o operario, com suas magras quotas mensaes, inda que nisso pusesse toda a bôa vontade, poderia lutar com o capital organizado que tem por si todo o apoio das classes conservadoras, foi o lamentavel engano que a reflexão e a experiência vieram demonstrar.

Depois, uma associação dessa natureza exige que os operarios esperem pacientemente, sofrendo privações em consequência da exploração capitalista a que estão sujeitos, até que se faça o decantado fundo que o virá redimir. De fórma que a parede não se fará quando os operarios julgarem oportuno ou quando para tal se sintam dispostos, mas sim quando houver a necessaria verba.

E' quasi certo que, ao chegar o momento em que os cofres da sociedade permitam decretar a *grêve*, se encontrem os operarios num estado de abatimento moral tal, que impossivel se tornará convencel-os de que devem lutar pelos seus proprios interesses. E, chegados a êste estado, facilmente serão elles levados pela primeira gralha politica que lhes atordôe os ouvidos com os *humanitarios* e *prudentes* conselhos de respeito á ordem, á lei, á sociedade, aos patrões, ás autoridades e a uma infinidade de cousas *sagradas*; só lhes não falará no respeito a seus direitos e á sua dignidade de homem, que o operario deveria exigir de seus desfrutadores.

Os defeitos dum tal sistema de luta resaltam.

Com efeito, é tão notavel a sua impraticabilidade que custa crêr como ainda há operarios que tal não compreenderam.

Vejamos, com a positividade dos números e a eloquência dos fatos, até onde temos razão em condemnar este método de luta.

Suponhamos que exista uma sociedade de resistencia operaria duma dada classe que conta o numero de 1.000 socios pontualmente pagantes (o que aliás não é muito facil em nosso meio), contribuindo, cada um, com a mensalidade de 500 rs. o que prefaz ao fim dum anno a quantia de 6:000$000; admitamos que não se tornou necessario lançar mão dum ceitil durante este lapso de tempo; sente-se precisa uma *grêve* geral da classe. Decretada a *grêve*, os patrões, que são um limitado número e têm um capital mil vezes superior ao da classe em gréve, não cedem. Estabelece-se o conflicto pacifico.

Cada grevista recebendo, para si e sua familia, a diaria reduzidissima de 2$000, a despeza feita por dia pela associação será de 2:000$. Não se conta aqui com as despezas que se terá de fazer com os não associados, afim de obter dêles a solidariedade. Quando menos teria de se lhes pagar a mesma diaria a que têm direitos os socios.

E' claro que as sociedades semelhantes de outras classes não auxiliarão os grevistas, pois muito assizadamente quererão guardar os seus respectivos *bolos* para quando tiverem necessidade de agir.

Segue-se que, com a despesa diaria de 2:000$000, no terceiro dia o fundo de reserva está completamente esgotado. Quanto ao patrão, é provavel que tenha o *prejuizo* de não ter tido *lucro* durante estes tres dias, mas o seu capital continúa intacto.

E, se a sua resistencia continúa por mais uns 5 ou 10 dias, como se arranjarão os grevistas?

Depois, os patrões tambem têm a sua esperteza, e até demonstram saber, melhor que os operarios, entenderem-se, quando se trata de reunirem-se para combater os elementos que lhes são contrarios. Portanto é de prevêr que saberão aproveitar o desfalque dos cofres das sociedades para rebaixar salarios e sujeitar os trabalhadores ás suas exigencias.

Quanto aos máos efeitos moraes decorrentes das sociedades de resistencia com capital, são ainda mais funestos.

Taes sociedades, por sua propria natureza, tendem ao isolamento, porque a solidariedade entre si presupõe o auxilio reciproco, que de modo algum lhes convém, visto cada qual procurar muito naturalmente a conservação de seu capital para apoiar, quando se torne mistér, as reclamações da classe que respectivamente representam.

Se, por acaso, algumas dentre elas se entenderem para um auxilio no momento duma *grêve* de classe, esse auxilio assumiria certamente o caracter de uma transacção commercial, com as respectivas obrigações e quem sabe se até juros, e nunca o que verdadeira e unicamente deveria ter — o de solidariedade operaria.

O operario habitua-se a esperar tudo da sociedade e toda a sua energia combativa se amortece. No momento da *grêve* êle pachorrentamente retirar-se-á para casa e lá ficará esperando que o funcionario da associação lhe vá levar a quota a que tem direito e a notícia de que o patrão cedeu ás reclamações apresentadas pela respectiva commissão encarregada de tratar disso.

Não fará propaganda para sua causa, não procurará o contacto dos seus companheiros e, esgotado o recurso social, encontrar-se-á sem ânimo de continuar a resistencia e é bem provavel que ache mais acertado, antes de passar peior uns dias, voltar ao trabalho, onde se sofre, é verdade, mas inda não se morre de fome.

Ainda mais, as sociedades desse molde atraem a si grande numero de operarios inconscientes, que até procurarão explora-las quando vejam que o fundo de reserva se acha um tanto *engrossado*.

Não se diga que estamos deduzindo suposições forçadas, pois ha fatos que as demonstram.

Na gréve dos trabalhadores em pedreiras havida recentemente em Ponta d'Arêa, Estado do Rio, por exemplo, deram-se casos verdadeiramente edificantes e que vêm provar a nocividade de taes associações. Entre êstes grevistas alguns não necessitavam de auxilio, entretanto não o perdoaram, pois, como socios em gréve, tinham direito a 100$000 por mez; outros apenas esperavam receber a mensalidade para começar o trabalho que já tinham contratado n'outra parte; e ainda outros, recebido o *cobre*, muito caraduramente, voltaram a trabalhar nas mesmas pedreiras em gréve e nas mesmas condições que d'antes motiváram as reclamações dos grevistas.

Como vêm os operarios as sociedades de resistencia com capital não só ficam longe de alcançar os fins a que se propõem, como até os contrariam, e são de perniciosa influencia moral sobre os que nelas confiarem.

Não afirmamos que o sindicalismo, como método de luta, seja isento de defeitos, entretanto, como hão de reconhecer os trabalhadores, possúe vantagens práticas muito superiores ás aludidas sociedades de resistencia.

Em subsequente artigo demonstraremos estas vantagens.

Feliz do homem que se revolta sempre ao vêr uma injustiça, uma opressão. — *Dr. Olinto de Oliveira.*

-:-

A natureza é patrimonio de todos. — *E. Renan,*

-:-

A guerra não é já hoje, como antigamente, um direito sagrado e uma missão veneravel.— *Olavo Bilac.*

UM ACTO

Se, de quando em vêz — e cada vêz mais seguido — um acto de solidaridade operária não viesse demonstrar a superioridade da consciência dos trabalhadôres e pelo facto provar que se vai completando a educação internacional da classe laboriosa, podêriamos entregar-nos ao mais amargo desespero e perder toda confiança quanto á nossa emancipação.

As dificuldades da luta, o numero considerável de obstáculos a derribar, os preconceitos de egoismo e de conservação social ferrados no coração até de numerosos trabalhadôres, a fôrça patronal duplicada pela do govêrno, a frouxidão da turba acarneirada e resignada, o extraordinário vagar com que marcham as ideias novas, tudo isso, e muita coisa mais, é causa de perigosas decepções, e preciso é que os trabalhadôres que se dedicam á obra da emancipação proletária tenham a alma robustecida pela coragem e pela fé, a que com tantas dificuldades não se desgostem nem desanimem.

Quanta bôa vontade abateu-se em frente da imensa tarefa! Quantos *sindicados* abandonaram a luta depois de provar os agrumes e dissabôres! Quantos militantes descorçoaram acreditando que a classe operária não era *emancipável* e que ela era eternamente incapaz de comprendêr a necessidade do esfôrço por fazêr.

Felizmente adquiriram-se resultados bastante numerosos; em quantidade suficiente efeituaram-se actos que mantiveram no coração dos mais clarividentes e dos mais conscientes confiança e vontade bastantes para permitir que o sindicalismo se desinvôlva sem cessar. Podemos afirmar, entretanto, que, se actos como o que temos que relatar em seguida se efeituassem com maior frequência, não teriamos que lamentar tantas deserções e tantos abandonamentos.

O acto de que queremos falar é um acto de magnifica solidaridade realizado na semana passada por mineiros alemães no momento em que a *grève* dos mineiros belgas da bacia de Charleroi estava em seu auge.

Empregando a tática clássica para vencêr os paredistas, os patrões da mina haviam recrutado na Alemanha operários destinados unicamente a suplantar seus camaradas belgas. Mas, hipócritamente como sempre, tiveram os patrões o cuidado de não dizêr aos operários alemães que eles eram recrutados para substituir paredistas.

Para começar seu trabalho, de mui bôa fé, se dirigiram a Jeumont os mineiros alemães.

Chegados á estação belga souberam, porém, que os trabalhadôres de seu patrão estavam em parede; comprenderam o acto de traição que lhes queriam fazêr cometer, e redondamente recusaram ir mais longe.

O acto de traïção que inconscientemente iam realizar, subitaneamente se transformou num acto da mais pura e nobre solidaridade.

Sabendo disso imediatamente os paredistas belgas decidiram organizar manifestações para celebrizar êsse acto belíssimo de solidaridade operária internacional.

Aliás, eis aí como se viu obrigado a dar a notícia um jornal *patronal* de MONTPELLIER;

CHARLEROI, 1.º de Agosto.

« Chegaram os trabalhadôres alemães recrutados para fazer o serviço dos paredistas do centro de Jeumont.

Um deles, que falava o francês, informou-se, na polícia da estação, das razões por que o tinham feito vir. Sabedôr do que se passava, declarou recusar-se êle, e seus companheiros, a suplantar operários que defendiam seus direitos e dirígiu-se á direcção das minas reclamando indenização por isso que o tinham iludido, pronto, conforme dizia, a procurar o consul da Alemanha.

Para celebrizar êsse acto de solidariedade dos mineiros alemães, anuncia-se uma manifestação dos paredistas. »

Eis o acto em sua simplicidade, tão elevada, tão eloquente e tão significativa.

Quanta alegria proporcionou-me e proporcionará a todos os leitores a leitura destas poucas linhas! Todos que as lerem sentirão, como eu senti, o bálsamo reconfortante da esperança, da confiança e da coragem descer até o intimo dos corações.

Ah! ces « cochons de Prussiens » quels sales types tout de même.

Esse acto de solidariedade é prenhe de ensinamentos. Prova primeiro que, não sendo a solidariedade uma van palavra, fariamos mal desesperando do futuro. Inda uma vez, mostra que os patrões, sejam quaes forem, muito bem sabem meter no bolso o patriotismo « com o lenço por cima », quando têm interesse em empregar *mão de obra estrangeira.*

Demonstra que cada vez mais se internacionaliza a organização operária. Destrói a argumentação desses imbecis que levam a bradar que os operários « estrangeiros » só prestam para nos prejudicar em nosso trabalho.

Realizando-se em seguida á catástrofe de COURRIÉRES, por ocasião da qual esses mesmos mineiros alemães fizeram outro acto de solidaridade justamente glorificado pelo mundo inteiro, patenteia sua plena significação internacional, e obriga os insensibilizados «partidários da desfôrra» a considerar os alemães de um modo mais favorável do que o por que até agora estavam habituados a os considerar.

Dá lugar, em fim, a que se espere, que os governantes, percebendo que a classe operária fôrma uma familia cada vez mais unida por cima de todas as fronteiras, hesitarão cada vez mais em atirar uns contra os outros, nas criminosas guerras, irmãos que reciprocamente dão tantas provas de solidaridade e de amôr...

(Da *Voix du Peuple*)

Os "leaders"

Trabalhadores, alerta!

Grato me é vislumbrar a agitação que os trabalhadores de Porto Alegre atualmente fomentam para conquistar as mais imperiosas e elementares condições de vida que, em outros paizes, já passaram a ser de secundaria importancia em relação ao complicado problema economicò-social e em muitas partes a classe operaria as está fruindo há annos.

Ha quem afirme que, em virtude do relativo bem-estar economico e da liberdade relativa que aqui goza o proletariado, este, não havia sentido todavia a necessidade de organisação para reivindicar seus direitos. Estas objeções, são insensatas e irrisorias. Talvez aqui, como em toda parte, os deserdados não se sentem acorrentados aos grilhões da miseria? Existe realmente aqui, neste meio, eminentemente retrógrado, essa tão decantada liberdade e essa apregoada democracia que certos miopes andam vociferando aos quatro ventos? Duvido muito.

Se o ambiente em que vivemos não foi ainda atinjido pela evolução e se a classe produtora têm conservado até hoje um proverbial espirito de passividade, é porque dous perniciosos fatores se antepuseram poderosamente ao desenvolvimento inteletual e moral da massa.

O primeiro, de influencia funesta, é que a immensa maioria, a quasi totalidade da phalange produtora está infelizmente sujeita, mais que em outros paizes, ao dominio esmagador dos preconceitos de raça, ao obscurantismo religioso e á estupidêz dos partidos politicos, triade mortifera que determina o entorpecimento, a apatia para com as sublimes aspirações dos tempos novos.

O outro fator, que tem contribuido para retardar as iniciativas proprias por parte das colectividades tem sido a ausencia quasi absoluta de propagandistas bem intencionados que orientassem os trabalhadores na verdadeira senda das reivindicações e estimulassem os altos sentimentos de solidaridade, unico lemma que coecretiza nossas tendencias.

Se houve e se inda ha desses pretendidos propagandistas — com rara excepção — não passam de mercenarios especuladores disfarçados sob a mascara da hypocrisia. E' contra esses pseudo-socialistas que andam a blasonar gratuitamente em todas as reuniões, que prevenimos os conscientes, se não quizerem ser mistificados. Cuidado, companheiros, com esses *tuteladores da ordem* que apregoam o socialismo parlamentar...

Esses politicastros, cuja humanidade não excede a esphera das proprias conveniencias, têm a missão altamente nefanda de prestarse a fazer o jogo dos exploradores res em detrimento dos nossos interesses, antagonicos aos dos capitalistas. A meu vêr, esses ambiciosos mentôres e seus satelites menoscabam a verdadeira orientação, e por isso apelo para todos os de bôa vontade que se empenhem em expulsar esses elementos estranhos dos centros de resistencia, considerando-os tão perigosos como os proprios burguêses. As collectividade devem agir directamente sem necessidade de intermediarios e imprimir á organização a verdadeira resistencia que caracteriza o sindicalismo francês.

Se os nossos irmãos de sofrimento se convencerem d'essas verdades inconfutaveis, terão dado um grande passo, mas se ao contrario se deixarem narcotizar por meia duzia de palavras proferidas com enfase pelos demagogos de occasião, não tardará a experiencia a demonstrar que tinhamos razão.

Espero que essas palidas observações encontrarão éco no espirito das coletividades que nesta hora se agitam...

Voltarei ao assumpto.

Porto Alegre, 25—9—906.

Valentim De Cesaro.

A proposito da perniciosa influencia exercida pelos *mentôres* nas organisações operarias, publicaremos no proximo numero um artigo de Jean Grave.--*N. da R.*

A TERRA LIVRE

Periodico sindicalista. Assignaturas: serie de 25 numeros 4$000; 12 ns. 2$000; 6 ns. 1$000.

Rua Maria Domitilla n. 88 — S. Paulo.

—

NOVO RUMO

Periodico libertario, sae quando póde. Subscripção voluntaria. Rua do Hospicio n. 210 — 1º — Capital Federal.

—

LA BATTAGLIA

Semanario em lingua italiana. Assignatura: anno 10$000; semestre 5$000; trimostre 3$000. Caixa postal 547 — São Paulo.

—

Estes periodicos pódem ser assignados por nosso intermedio, bem como *Les Temps Nouveau*, *La Voix du Peuple* e *Libertaire*, de Paris.

Damos informações sobre outros periodicos e revistas do exterior, assim como de todas as associações operarias conhecidas de Uruguay e Buenos Aires.

Movimento Operario

O "meeting"

Conforme boletins distribuidos pelas ruas efeituou-se o *meeting* anunciado para domingo, 23 do corrente.

A praça da Alfandega regorgitava de povo, quando ás 4 1/2 surgiu ao lado do operario Francisco Xavier da Costa, o secretario do "Petit Journal", orgão republicano, Carlos de Araujo (Cavaco) e sobre um banco ao qual chamou de tribuna improvisada, começou o seu discurso, cujo resumo damos em seguida:

"Senhores:

Vim, não para vos fazer um discurso cheio de figuras de retorica e termos empolgantes e sim para vos dizer claramente, em poucas palavras, o que se passa no fundo de minha alma.

Em seguida aconselhou os operarios a se voltarem contra os opressores demonstrando o quanto são prejudicados em seus interesses e a aviltante fórma por que são explorados.

Atacou impiedosamente a relapça burguesia, contrastando as suas prodigalidades ao lado das *cocottes*, com as miserias do povo proletario. Falou sobre o movimento operario da Alemanha e *nas pequenas conquistas* (*) do proletariado Francez. Descreveu accentuadamente a inconveniencia que haveria do eleger um deputado socialista, porque o socialismo tem servido de escada a muitos burgueses. Disse que era um socialista de coração; que era necessario enfrentar fisicamente as exigencias dos altos potentados e desses privilegiados da sorte, que passeiam nos seus faustosos coches *salpicando de lama a face dos operarios,* fazendo saltar aos ares o jugo dessa ignominiosa opressão e, se preciso fosse, que fizessem barricadas no meio das ruas que ele estava disposto a morrer pela causa proletaria ao lado da sua espingarda.

Fez ver a necessidade urgente da união operaria sob o nome de "Federação Operaria Rio Grandense".

Referindo-se aos politicos disse só lembrarem-se elles do operario ao aproximar de eleições, época em que descem até a morada dos pobres á caça de votos.

Atacou ainda uma vez a estupida burguesia e as suas estravagancias, dizendo estar ella acostumada unicamente ao tinir do ouro, enquanto seus semelhantes — os operarios — morriam a fome em suas humildes choupanas por onde sibilava o vento redobrando os seus negros padecimentos e terminou dizendo que o proletario para conseguir implantar os seus ideaes era necessario reclamal-os com um ramo de oliveira numa mão e na outra, se preciso fosse, uma bomba de dinamite.

Os marmoristas

Fecundos ensinamentos resultaram-nos da atitude ultimamente assumida pelos operarios marmoristas que trabalhavam nas oficinas Friederichs, desta cidade.

De ha muito vinham sentindo-se lesados aqueles operarios, e, dir-se-ia que com as privações a que se viram obrigados a sujeitar-se, adquiriam tambem energia para a luta quando julgasse oportuno o momento de agir.

Este momento chegou e a *gréve* manifestou-se com a espontaneidade que carateriza os movimentos semelhantes entre operarios que não esperam ordens nem obedecem a outros guias para suas acções que não a propria consciencia do seu valor e a firme convicção dos direitos que lhes pertencem.

Os marmoristas demonstraram a força que somos, quando solidarios para a defesa dos nossos interesses imediatos, e fizeram comprender aos patrões, que nós não sômos simplesmente as maquinas passivas, das quaes apenas se ouve o surdo rumor das engrenagens e que com uma regularidade matematica lhes dão o tanto por cento sobre o capital; sômos homens, pensamos e sabemos agir.

Naturalmente nunca passou pela ideia do sr. Friederichs, como jamais occorreu á de patrão algum, incluir nos seus *lucros* e *perdas*, essa despesazinha eventual; tão convencidos estão todos os industriaes de que os trabalhadores produzem com a exatidão de maquinas! E, portanto, não póde haver um desconto siquer nos seus *lucros* anuaes.

Desta vez, porém, o patrão teve um prejuizozinho, que afinal é insignificantissimo deante dos prejudiciaes efeitos do trabalho excessivo que por tantos anos fizeram os seus operarios.

Não cedeu o sr. Friederichs o que pediam os seus operarios, mas estes tambem não cederam aos caprichos daquelle.

E esta firmeza de resolução veiu provocar uma belissima e fecunda manifestação de solidaridade operaria que deixa assignalado uma fase na vida dos trabalhadores desta capital.

A *gréve* dos marmoristas foi como que um sinal de rebate despertando as consciencias para a luta.

÷

Na fabrica de escovas, em dias da semana passada, cinco moças viram-se na contingencia de abandonar o trabalho, devido as prepotencias dos patrões que, depois de as esplorarem á vontade, não querem dar mais trabalho ás enérgicas moças que não se deixam aviltar, nem prostituir. Então eles, para obrigal-as a irem embora, não só servem-se de todos os meios ignobeis, que lhes são peculiares, mas até de moças tolas e incautas, que por qualquer circunstancia foram escravizadas.

÷

Terça-feira ultima, embarcou uma turma de 10 grevistas com destino á capital federal.

Significativas manifestações de simpatia fizeram os operarios desta capital aos que, em virtude da nobre atitude que souberam manter, se viram forçados a procurar trabalho noutra parte.

Grande numero de trabalhadores de todas as classes compareceu ao trapiche afim de levar suas despedidas e manifestar a sua solidariedade aos marmoristas.

Diversas associações operarias se fizeram representar, tendo feito uso da palavra alguns operarios despedindo-se dos companheiros que partiam e, em energicas palavras concitando os trabalhadores em geral a continuarem a luta encetada pelos marmoristas em prol das 8 horas.

Uma comissão composta dos operarios: Arquimedes Fortini, Henrique A. Martins e Armando A. Martins apresentou despedidas e ofereceram um ramilhête em nome dos operarios das oficinas do *Jornal do Commercio.*

(*) O grifo é nosso — N. da R.

PELAS CLASSES

Os graphicos

Custa muito a crêr mas, infelizmente, o facto grosseiro, brutal, não indaga da predisposição deste ou daquelle para se produzir e ahi está, affrontando com a sua existencia a nós, operarios graphicos e prejudicando grandemente toda a classe trabalhadora.

Refiro-me ao facto de, agora que o operariado de Porto Alegre parece despertar de um longo somno com a resolução de indagar quaes os seus direitos e de reivindical-os, estando usurpados, não se manifestar, de nossa parte, o minimo tentamen de organisação, o menor esforço no sentido de nos unirmos para, individualisando uma collectividade esphacellada, nos tornarmos fortes e, dessa fórma, fazendo uso de direitos naturaes incontestaveis e insophismaveis, trabalharmos **accordes** para a consecussão dessa aspiração que, além de justissima, é generosa — as 8 horas de trabalho diario.

Porque não nos organisamos, nós os graphicos, em syndicato? porque não fazemos cousa nova, si a que ha não presta? Esqueçamo-nos de que existe um Gremio Graphico, já que elle não prehenche os fins para que foi creado; abandonemol-o e trabalhemos para o que possa ser realmente util e proveitoso, não sómente a nós, os graphicos, mas á classe em geral, pois que, quanto mais homens houver que comprehendam os seus direitos, mais facil se tornará o conquistal-os.

Ou estarão, porventura, os graphicos de Porto Alegre satisfeitos com os horarios que têm actualmente?

Ou acaso não será horroroso e immensamente prejudicial, não será doloroso, cruciante, o ver-se da fórma que se depauperam e consomem organismos jovens e vigorosos num labor extenuante e excessivo, principalmente nas folhas diarias e ainda com especialidade nos jornaes da manhã, onde o operario começa o trabalho diario ás 8 ou 9 horas do dia e vae terminal-o ás 2, 3 ou 4 da madrugada, as mais das vezes, em officinas infectas, escuras e humidas, onde não póde haver o necessario oxigenio para a conservação dos pulmões em bom estado?

Não posso admittir essa hypothese. Os operarios graphicos de Porto Alegre e muito principalmente os compositores-typographos não estão satisfeitos com os horarios que têm e, muito mais do que isso, aspiram, como todos os operarios, um horario que seja mais humano, que lhes deixe o tempo necessario, indispensavel ao cultivo e desenvolvimento do principio intelligente que o homem encerra em si, sem o que não poderá ser util nem a si nem á grande orphã — a Humanidade.

E essa apathia, essa indifferença, essa inercia criminosa que se nota nesse ramo da classe, são devidas ao pessimismo de muitos de seus membros que, sem o devido estudo da questão, vão emittindo opiniões a torto e a direito — de que tudo é impossivel, de que nada se póde fazer, e até de que, — heresia — nada é preciso nem se deve melhorar.

Mas é preciso que isso cesse de ser assim, é preciso comprehendermos os nossos direitos e a nossa força. Para conseguil-o farei algumas considerações que procurarei desenvolver em subsequentes artigos, até o momento em que um competente se resolva a tratar do assumpto.

Considere-se que se procura organisar um syndicato dos graphicos. Não será isso possivel? Considere-se que esse syndicato tenha como escopo immediato a regulamentação do trabalho e que procure fazel-o. Não será tudo isso possivel?

Estamos plenamente convencidos de que sim e procuraremos demonstral-o.

Oliveira Diamico.

Nós queremos: Instaurar — um meio social — que assegure — a cada individuo — toda a somma de felicidade — adequada, em qualquer época, ao desenvolvimento progressivo da Humanidade. - *S. Faure.*

O patriotismo

O patriotismo poderá ter sido uma virtude no mundo antigo, quando se exigia do homem uma devoção ao idéal mais elevado que então lhe era acessivel — o da Patria. Mas como póde o patriotismo ser uma virtude para nós, quando exige precizamente o contrario daquilo que a nossa moral ordena, quando em lugar de considerar todos os seres humanos como irmãos nos faz admitir um Estado ou uma Nação como superior a todos os demais? Não exagero se afirmar que este sentimento, em nossos dias, não é mais uma virtude, mas um vicio; a falar claro, o verdadeiro sentimento de patria não mais é possivel presentemente, pois em si mesmo não tem fundamento material nem moral.

O patriotismo poderia ter um significado nos tempos passados, quando algum povo, mais ou menos homogeneo, professava a mesma religião de Estado, se submetia ao poder sem limites de um chefe divinizado e se considerava como uma ilha no meio do oceano dos barbaros o qual tentava submergel-a.

Mas qual póde ser o significado deste sentimento em nossa época?

Porque razão um homem se é russo deverá trucidar os francezes ou os tedescos, se é francez trucidar os tedescos, quando sabe perfeitamente, por pouco instruido que seja, que esses povos, contra os quaes move o seu odio patriotico, não são barbaros; que, como eles, nada mais desejam que a paz, a permuta pacifica do trabalho e que fortemente lhe estão unidos por interesses comerciaes ou intelectuaes?

Sucede ainda que um homem encontra junto dum povo visinho mais elementos uteis e melhores relações que junto de seus proprios concidadãos.

Leão Tolstoï.

AS 8 HORAS

A diminuição de horas de trabalho é uma das questões que muito de perto tem interessado os trabalhadores de todo mundo.

Por isso mesmo tem sido o problema das — 8 horas — o painel prediléto armado ás vistas incautas do operariado, pelos politicos de todos os matizes, sempre que se apresenta oportunidade de guindarem-se á ambicionada altura de *representantes do povo.*

Entretanto, esta conquista, que é relativamente insignificante á vista dos direitos que assistem aos que trabalham, vae se tornando realidade, não pela influencia de deputados ou governantes, mas pela decizão dos unicos interessados — os operarios.

Nesta capital vão se movendo os que não se querem resignar ao trabalho estafante de 10, 11, 12 e até 18 horas por dia, como acontece aos empregados de bondes!

Diariamente sae de casa um trabalhador ás 6 horas da manhã para voltar ás 8 da noute e, ás vezes, mais tarde. E' um terrivel sacrificio.

Urge sairmos desse regime de vida verdadeiramente irracional.

O escessivo trabalho exerce uma depressão fisica e moral sobre o individuo que o torna indiferente e inapto para tudo que possa ser agradavel a si e aos outros. Não estuda, em nada pensa de elevado e nem siquer lhe vem a vontade de, nos dias de folga, dar um passeio, onde possa encontrar algumas distrações que lhe aclareie o espirito enuviado pelo fatigoso trabalho semanal.

E, em resultado dessas más condições de vida que embrutece o operario, quantos prejuizos advêm a si e ás pessôas que dele dependem! O alcoolismo, não raras vezes, vem ocupar o lugar dos prazeres e gozos que completam a vida e que ao operario não são facultados em conseqüência da vida antihumana que é obrigado a levar nesta iniqua sociedade egoista.

E que educação póde dar aos filhos um homem que apenas uma vez por semana póde vêr o rosto das suas crianças á claridade do dia?

E é muito natural que uma familia de raquiticos seja a descendencia desses cansados organismos.

Diminuindo os males que nos afligem, o pauperismo e a ignorancia, teremos o melhor meio de prepararmos a nossa completa emancipação. Para isso é preciso que o operario tenha o tempo necessario para estudar e se instruir e só o conseguirá fazendo a redução das horas do trabalho manual.

E é nestas conquistas que a ação diréta dos individuos solidarios desempenha importantissimo papel.

Procurem, portanto, os trabalhadores de todas as classes, associarem-se, educando o seu espirito para a luta e, conquistadas as 8 horas, gozando então dum relativo bem estar, refarão as energias combativas e outras melhorias poderão alcançar com a ação continua de suas atividades.

Sobretudo tenham bem presente que *a liberdade perene é uma conquista permanente.*

C. D.

A solidariedade é o unico e fecundo terreno onde póde florescer a liberdade. — *Neno Vasco.*

Fátos e Comentarios

Esperanto

Recebemos uma circular em que nos é comunicada a fundação, nesta capital, da *Esperanta Societo Sud Rio-Granda*, que tem por fim propagar e difundir a lingua neutra *Esperanto.*

De ha muito julgamos ser esta lingua um dos poderosos fatôres que concorrerão para apressar a fatal internacionalização dos povos e, como internacionalistas que somos, é com simpatia que vemos surgir em nosso meio tão util propaganda.

— A proposito, no proximo, numero iniciaremos uma serie de artigos, tradução dum nosso colaborador, versando sobre a facilitação e utilidade que o *Esperanto* vem trazer ás relações entre os individuos de diferentes paises e, muito principalmente, ás relações operarias.

Confederação operaria

Como já devem saber os trabalhadores, do congresso operario levado a efeito no Rio de Janeiro, resultou, entre muitas outras resoluções importantes, a da organização de uma Confederação Operaria Brasileira, sendo para esse fim escolhida uma comissão que está agindo no sentido de levar avante aquelle desiderato.

Já foi publicado e está sendo distribuido por todas as associações operarias do Brasil o folhêto contendo as resoluções do Congresso e as bases de acôrdo, que então foram aprovadas para a Confederação.

Fizemos pedido, á referida comissão organizadora, de folhêtos para as associações desta capital.

O endêreço é — Comissão Organizadora da Confederação Operaria Brasileira, rua da Conceição, 34 (sobrado), Rio de Janeiro.

A ordem...

De uma correspondencia do Rio para a *Gazeta,* desta capital, na qual vem descrita ligeiramente a vida diurna e noturna dali, e que bem se póde aplicar a todos as grandes e pequenas cidades, extraimos os seguintes trechos que vão com vistas especialmente aos conservadores do *statu-quo* da actual sociedade.

“ A' Central chegam trens pejados de operarios, que ali se espalham para as ocupações correspondentes; é pelo *bond* de segunda classe, a que o vulgo denominou *cara-dura,* que chegam ao Largo da Carioca os trabalhadores, os heróis.

Difundindo-se pelas ruas que neste largo desembocam, eles encontram os empregados da limpeza publica enfileirados pelos vãos das portas, uns deitados, outros sentados com a cabeça apoiada sobre os joelhos.

Transeuntes taes não experimentam a menor commoção deparando com esse quadro triste, pois acabam de ser protagonistas em antro ainda mais sórdido. Providencialmente a creatura humana habitua-se até com os sofrimentos!...

Pelo caminho, o *cara-dura* pára longos intervalos afim de recolher grupos de passageiros. São os porões e as estalagens, antros de miseria desta cidade de avenidas e palacios, luzes e festas, que regorgitam de caras macilentas, corpos mal descançados, após uma noite passada em promiscuidade revoltante, onde a criança nasce sem paternidade e cresce sem hygiene, a menina perdendo tão cedo o pudor. Marcham do par o aniquilamento fisico e a degradação moral!

Não, o salario não assegura ainda ao misero operario o conforto correspondente ao seu trabalho e ao desenvolvimento da civilização moderna!...

....

A noite, com a benevolencia dos litoraes, traz as brisas frescas do mar que amenisam os rigores desta latitude e convidam a passear.

O povo acode ás ruas, enche as avenidas, invade os jardins, busca os teatros e quantos centros de diversões publicas póde encontrar.

Na bela praia de Botafogo, no interessante jardinzinho da Gloria, Passeio Publico e Avenida Central a multidão ondeia em alegre vozejar, mas é de preferencia em Botafogo e na Avenida que se exhibe o luxo das *toillettes,* dos carros e dos automoveis... nem mais uma daquellas severas carroças do dia.

Cerca de meia noite, hora em que os teatros se fecham, cabe á Praça Tiradentes dar a impressão da vida noturna do Rio.

Visitados estes pontos, conclue-se facilmente que durante o dia esta cidade é laboriosa, operaria, e á noute desperdiça em luxo e festa, mas quem consome já não é quem produziu. O dia pertence ao trabalho, a noite é do capital, com todas as seducções, todos os gozos e todas as corrupções que ele provoca!

Isto é a ordem! E os que, em nome dos direitos naturaes do homem, protestarem contra este estado de coisas, pretendendo que a sociedade deveria ser a resultante da solidariedade, onde todos livremente vivessem e trabalhassem, gozando os proventos dos mutuos esforços e minorando os sofrimentos que porventura a natureza impuzesse a alguns — é um perigoso, um desordeiro, que só merece a perseguição dos egoistas e os anátemas dos imbecis.

Sim, que para ser amigo da ordem é preciso que se admita o trabalho e a miseria de um lado, e o disperdicio e a ociosidade do outro.

Nós sômos desordeiros...

Bases do Sindicalismo

Significado da palavra

A palavra *sindicalismo* adquiriu, nos ultimos tempos, um sentido mais amplo que o indicado pela etimologia. O significado, todo concreto, que ela tinha já, persiste; continúa a indicar os «adeptos da organização sindical». Mas agora, além dessa acepção nebulosa e incolor, que, com um pouco de elasticidade, tanto poderia aplicar-se aos sindicalistas *amarelos* como aos *vermelhos*, tem outra, nova e bem definida.

A palavra *sindicalismo* tornou-se um termo genérico, exprimindo um «momento» da conciencia operária. Este epíteto reivindicam-no os trabalhadores que, tendo abandonado as concepções doentias e ilusorias, adquiriram a convicção de que os melhoramentos — parciais ou extremos — não podem resultar senão da força e vontade populares. Sobre as ruinas das esperanças carneirescas e das crenças no milagre que escoram as superstições, — tanto na providência estatista como na divina, — elaboraram uma doutrina sã e verdadeiramente humana que tem raizes num exame e numa interpretação leais dos fenómenos da vida social.

O *sindicalista* é, evidentemente, partidario do agrupamento dos trabalhadores em sindicatos. Apenas não concebe o sindicato como alguns que restringem o seu circulo de acção até lhe deixarem por único horizonte a discussão ou disputa quotidiana com o patrão; e isto, sobre reivindicações secundárias, momentáneas, sem jamais pôr em questão o bem ou mal fundado da exploração operária. Tambem não concebe o sindicato como outros que nele só vêem uma «escola primária do socialismo» onde se formam e se recrutam os militantes para esforços tidos por eficazes — como a conquista dos poderes públicos.

Para o *sindicalista*, o sindicato é o agrupamento por excelencia, respondendo a todas as necessidades, a todas as aspirações, e bastando, por isso, a todas as tarefas. E' o agrupamento imaginado pelos «reformistas»: permitindo a batalha diaria contra o patrão, por melhoramentos e reivindicações de pormenor. Mas é mais do que isso: é ainda o agrupamento proprio para levar a cabo a obra de expropriação capitalista e de reorganização social que os socialistas, ilusoriamente confiados no Estado, esperam da conquista do poder politico.

Para o *sindicalista*, não é, pois, o sindicato uma associação de momento, cuja razão de ser, limitada ao meio actual, não se conceberia, abstraindo dêsse meio. Para ele, o sindicato é o agrupamento inicial e essencial; deve nacer espontaneamente e desinvolver-se em todos os meios, e isso independentemente de qualquer teoria preconcebida. Que ha de mais normal, com efeito, para os explorados da mesma profissão, do que aproximarem-se, intenderem-se, unirem-se para a defesa de interesses comuns e imediatamente tangíveis?

Por outro lado, a supôr o aniquilamento da sociedade capitalista e o estabelecimento, sobre as suas ruinas, duma sociedade, — comunista ou outra, — é bem claro que, mesmo nesse caso, nesse meio novo, o agrupamento indicado como mais urgente, mais indispensavel, será o que puser em contacto os homens empregados em funções e trabalhos idênticos ou similares. Assim, o sindicato — o agrupamento corporativo — surge como a célula orgánica de toda sociedade.

Actualmente, para o *sindicalista*, o sindicato é o organismo de luta e de reivindicações dos trabalhadores contra seus amos. No futuro, será a base sobre que se erguerá a sociedade normal, expurgada de exploração e tirania.

Pródromos do sindicalismo

A concepção sindicalista não é deduzida dum sistema hipotético, saido pronto e armado de qualquer cérebro e não justificado pela experiencia sociologica: provém do exame histórico dos factos e da sua interpretação inteligente. Póde dizer-se que é a resultante e o coroamento de todo um século de lutas sustentadas pelas classes operárias contra a burguesia.

Durante todo o séc. XIX, o proletariado fez esforço para desprender a sua acção da dos partidos burgueses puramente politicos... Esforço consideravel, porque a burguesia, necessitando, para governar sem estorvo, do assentimento ou da indiferença do proletariado, caprichou, não só em o combater e trucidar quando se sublevava contra os exploradores, mas ainda em o amolecer com uma educação astuta, afim de o desviar do exame das questões economicas e derivar a sua actividade para as ilusorias esperanças do democratismo.

Nunca é demais insistir sobre este ponto: a obra de organização operária autónoma foi — e é ainda! — contrariada por todas as forças de obscurantismo e de reacção, e tambem pelas forças democráticas que são, sob um aspecto novo e hipócrita, a continuação das velhas sociedades em que florecê um punhado de parasitas, pinguemento sustentados pelo trabalho forçado de plebes inconcientes.

A burguesia, pelo canal do Estado, cuja função (independente da fórma) consiste em velar pelos privilégios capitalistas, deu-se a essa tarefa de sufocação e desvio das aspirações da classe operária. Por isso, nas suas tentativas emancipadoras, o proletariado foi levado a verificar a identidade entre os governos, de etiquetas várias, que ele sofreu; passou dum a outro regime sem se resentir das mutações de cenario que a história registra com gravidade. Todos os governos o trataram com animosidade e malevolencia. Se deles obteve uma atenuação da sua miseravel sorte, deveu-a não aos sentimentos de justiça ou de piedade dos governos, mas ao salutar temor que a estes soube inspirar. A' iniciativa governamental só deve legislações draconianas, medidas arbitrárias, selvagens repressões.

Esse caracter antagonista do Estado e da classe obreira domina todo o séc. XIX. Adquire toda a sua significação notando-se que certos governos, á maneira de osso a roer, facilmente concederam direitos politicos ao povo, ao passo que se mostraram intrataveis em matéria de liberdades económicas. Nisto, só cederam sob a pressão popular.

Esta diferença de atitude da parte dos dirigentes explica-se. No fundo, o reconhecimento de direitos politicos ao povo não lhes faz sombra, pois que essas ninharias não põem em perigo o principio de autoridade, nem minam a base proprietária de sociedade.

O caso é diverso, tratando-se de liberdades económicas. Estas são para o povo um bem real e só á custa dos privilegiados se podem adquirir. Comprehende-se, pois, que o Estado, sustentáculo do capitalismo, recuse, até ao último extremo, ceder uma parcela de melhoramento económico.

Emilio Pouget.

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar alguns artigos de atualidade que nos vieram ás mãos e que ficarão para o proximo numero.

A LUTA

Animam-nos as manifestações de simpatia que tem despertado entre os trabalhadores desta capital o nosso periodico.

A subscrição voluntaria para sustental-o tem sido bem correspondida e esperamos de todos aqueles que julgarem util essa publicação a continuidade deste apoio material.

Como vêem, a despeza de impressão é pequena, e os que se encarregam da direção do jornal outro interesse não têm, sinão o de ver os trabalhadores em geral, conscios de seus direitos, se dirigirem por si mesmos e por si mesmos iniciarem as lutas que o levarão á conquista da sua liberdade integral.

Portanto, não é com grande sacrificio economico, da parte daquelles que nos quizerem auxiliar, que o nosso periodico conseguirá manter-se.

÷

A's folhas desta capital que noticiaram o aparecimento d'*A Luta*, os nossos agradecimentos.

÷

A's pessôas a quem enviamos pacotes do nosso periodico pedimos communicar-nos os endereços e o número de exemplares que dezejarem receber.

÷

Recebemos:
Il Tempo, *Rio-Grandenser Vaterland* e *Pau Bate*, desta capital.

Subscrição voluntaria

Lista da redação: J. F. Nasi 5$; Ferla 1$; J. R. Gil 1$; José Machado 2$; Valentim Armandariz 2$500; A. A. de Azevedo 2$; Bibiano Bertoya 2$; Rognone José 5$; A. Fomberg 2$; A. Budzyn 1$; Theo. Einneiwald 1$; Jacob Conrado 1$; A. Nalepinski 1$; P. Meyer 1$; W. Maidecki 2$; Filho do povo 1$; A. Santa Catharina 1$; V. S. C. 500; P. Strenge 2$; Alb. da Prata 1$; Vicente dos Santos 1$; Henrique V. Filho 1$; A. Kruse 500; M. R. Pereira 1$; A. Schreiner 1$; Almicare Meucchi 500; Ott. Meucchi 500; A' pulso 40; João Viegas 6$; R. Geyer 2$; F. Raya 2$; A. Ibañez 500; Franzotti 400; Carlos Toffolo 500; Krug 200; Arrecadado na sessão da União dos Pedreiros, a 16 - 9 - 6, 10$500; Golfredo Günter 1$; P. M. de Oliveira 1$; Valdemar 500; Luiz Perez 500; Louis Philip 500; Martim Azevedo Freitas 500; A. M. de Castro 1$000; Julio 1$; Kuplich 5$; Gustavo Reinicke 1$; Italo Doriz 1$; José Francisco dos Santos 500; Dois vintens 40; Augusto Schunffmann 1$. Total 87$180.

Venda avulsa — 8$120.

Lista de Manoel Aguiar: — M. A. 500; venda avulsa 2$500. Total 3$000.

Lista de Silvestre Zurawski: — Ilorio Luiz 500; Um cidadão do mundo 200; *** 400; Epaminondas L. 500; Francisco Lopez 300; Um gaùcho 200; Adelino B. 100; Vicente Bogo 300; Diversos 500. Total 3$000.

Lista de Maidecki: — L. Ferrugem Cabral 500; Antonio carroceiro 100; João caldeireiro 1$; Aug. Niemann 1$; Pedro caldeireiro 500; José Gawronski 500; Julio 100; Antonio José 100; Nicola 100; Parchobl 100; Ant. Svsinski 300. Total 4$300.

Lista de Cezar Pianetti: — Pio X 500; Viva Morral 200; Um explorado 200; Sem cobre 100; Arthur C. Martins 100; Um companheiro d'*A Luta* 300; Um companheiro 100. Total 1$500.

Lista de Mazzaferro: — Francisco Guaranha 500; Pedro Miquienzi 400; Epifanio Cosme 500; Felice Siga 500; Francisco Failace 500; Ant. Corrêa 300; Gaetano Rosito 500; Anónimo 200; Mazzaferro 500. Total 3$900.

Lista de Alfredo Tito Soares: — João F. do P. Jacques, Annibal Braga, Amaro Faria, Adylio Parreiras, Carlos Dilorenzi. Alb. Moreira, Cicero Sampaio, 100 réis cada um. Total 700 réis.

Lista de Valentim De Cesaro: Valentim 1$; Luigi Tamanini 1$; Santo Cieroni 300; Giovanni Vidas 900; Orcini Scardall 1$; Leopoldo Pettenuzze 500; Massana Clemente 500; Antonio Lago 500; Adriano Ell 1$; Eugenio Clementel 400; Luigi Kopawnik 500; Achille Bestalucci 500; Anselmo Pettenuzze 500; Alderico Cavadouro 500; Massinio Pettenuzze 500. Total 9$600.

÷

Entradas:		
Lista da redação........	87$180	
Diversas listas...........	26$000	
Venda avulsa...........	8$120	121$300
Despeza: (1)		
Impressão do 1.º numero (2.000 exemplares)....	55$000	
Termo de responsabilidade	5$000	
Estampilhas e papel para requerimentos........	1$000	
Sêlos..................	3$040	
Impressão do 2.º numero	45$000	109$040
Saldo..........................		12$260

Algumas listas, que nos chegaram a ultima hora, deixamos para o proximo numero.

(1) Diversas despezas miudas, como papel, tinta, barbante, canetas, etc., foram feitas a expensas de diversos companheiros.
N. da R.

União Operaria Internacional
Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Secretario, Rey Gil; thesoureiro, Rodolpho Flugrath; bibliothecario, José Macchi.

Allgemeiner Arbeiter Verein
Séde: rua Voluntarios da Patria n. 367. Presidente, José Zeller Rethaler; secretario, J. Dontsik; thesoureiro, R. Flugrat.

Towarzysiwo Naprzód
Séde: Avenida Minas Geraes. Presidente, José Masarek; secretario, Antonio Budzin; thesoureiro, Antonio Ciesiolski.

União dos Empregados em Padaria
Séde: rua da Conceição n. 22. Presidente, José Martins dos Santos; secretario, Agostinho Custodio Fernandez; thesoureiro, Carlos Christmann.

União dos Empregados em Madeira
Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Presidente, Carlos Macchi; secretario, Guilherme Jung; bibliothecario, Oswaldo Simon.

União dos Pedreiros
Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Presidente, José Macchi; secretario, Antonio L. Maia; thesoureiro, Felisberto Oliveira.

União dos Chapeleiros
Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Presidente, José Rognoni; secretario, Luiz Werkhauser; thesoureiro, Alberto Schreiner.

União dos Metalurgicos e annexos
Séde: rua Voluntarios da Patria n. 367. Presidente, Gustavo Reinike; secretario, José Mayer; thesoureiro, Zeller Rethader.